

Poéticas do Urbano

Celia Maria Antonacci Ramos

Poéticas do Urbano é um texto sobre as pesquisas e ações do grupo de pesquisa “Poéticas do Urbano”, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Nosso objeto de investigação é a cidade - não como um grande objeto, mas como um modo de vida, de relações sociais, de exercício político e de sobrevivência diária. Interessa-nos a cidade-metrópole e suas transformações nos últimos anos. Priorizamos as novas cartografias e os espaços de globalização provenientes da chegada de novos sujeitos na cidade a partir das migrações dos anos 80.

Palavras-chave

Urbanismo, cidade, arte, comunicação

Há no nosso cotidiano social e acadêmico um senso comum que nos diz pertencermos à era da informação e da comunicação. Tudo gira em torno da idéia de que os aparelhos tecnológicos de transmissão da informação possibilitam “novos tempos”. Nessa onda tecnológica vem de arrastão a idéia da globalização e do pós-moderno na vida e na arte, expressa nesses novos meios e com possibilidades de outras estéticas. Tudo parece confluir e encontrar uma explicação ou solução para o conceito pós-moderno e seus aparatos virtuais. Vivemos assim os “Novos Tempos”.

Stuart Hall abre seu ensaio *The meaning of New Times* com os seguintes questionamentos.

Quão novos são esses novos tempos? São eles a sombra de um Novo Anjo ou apenas o murmúrio de um velho? O que é novo neles? Como nos reportamos às suas tendências ou contradições? São eles progressivos ou regressivos?

E comenta: *essas são algumas das questões do discurso ambíguo sobre os novos tempos.*¹

Nosso objeto de investigação é a cidade - não como um grande objeto, mas como um modo de vida, de relações sociais, de exercício político e de sobrevivência diária. Interessa-nos a cidade-metrópole e suas transformações nos últimos anos. Guy Burgel, ao escrever

sobre “La ville aujourd’hui”, lembra-nos que *menos de cinquenta anos abalaram as certitudes milenares da cidade*”.²

Planejada nas leis urbanistas de zoneamento, propostas no Congresso de Atenas, 1933, a cidade racionalizada passou a ser sinônimo de civilização, isto é, de previsão, de censura e de controle da informação, e também de espetaculosidade social. A história da cidade vai se firmando no poder do Estado, que divide e separa as zonas de trabalho, comércio, habitação e lazer. Tudo na cidade planejada é previsível e controlado. A partir daí, *Habitar a cidade*, diz Bernard Lamizette, *é reconhecer o poder que a estrutura e, em particular, se submeter à censura que faz da informação difusa no espaço urbano uma informação socialmente e institucionalmente determinante como pertencente a uma cultura*.³ Passados cinquenta anos ou mais dos primeiros planejamentos urbanísticos, que priorizavam o zoneamento, percebemos que a má gestão desses planejamentos desestabilizou a harmonia proposta no projeto. Milton Santos comenta: *houve a primazia do econômico sobre o político, do instrumental sobre a finalidade e do dinheiro sobre o homem*.⁴ A obsolescência do trabalho rural e o conseqüente empobrecimento das cidades pequenas pela modernização da agricultura e dos serviços forçaram muitos brasileiros a migrarem diariamente para as cidades em desenvolvimento à procura de novos meios de subsistência econômica, social e intelectual. As cidades passaram, nos últimos cinquenta anos, a receber uma grande aglomeração urbana e se transformaram no lugar da diversidade, do pluralismo cultural, do afrontamento, das oportunidades - oportunidades de trabalho, emprego, moradia, diversão, comunicação e de transgressão, mas também de escassez – de trabalho, de emprego, de moradia e de comunicação. A cidade é hoje esse conjunto de pessoas, necessidades, privilégios e heranças históricas. É o lugar da imprevisibilidade. Novas situações são impostas ao cotidiano rotineiro da cidade “certitude”. Milton Santos percebia a cidade como um organismo vivo. Para ele,

Ao longo de seu processo, a cidade, organismo vivo, impõe solidariamente valores funcionais, mercantis e simbólicos às suas diversas frações. Novos lugares são chamados a novas funções, velhos lugares se renovam inteiramente ou parcialmente, sendo arrastados ou conservando relíquias. A cada momento histórico, cada pedaço da cidade evolui diferentemente.⁵

Como todo organismo vivo, a cidade é um todo que depende de cada parte. Os estudos sobre a cidade têm que ser sistêmicos, temos que levar em conta as novas exigências da modernidade traduzidas nos novos meios de trabalhar, transitar e habitar a cidade. Milton Santos ainda nos lembra que *a vida de cada qual passa a ser definida pela vida de todos os outros. Os lugares - e os homens com eles – mudam rapidamente e muito brutalmente de significação.*⁶

Interessa-nos assim pensar o que é novo na cidade nesses novos tempos. Quais são os novos sujeitos e códigos que cruzam a cidade tanto nos planejamentos administrativos e nas invasões capitalistas, quanto na necessidade de sobrevivência diária, de conquista de território para morar, trabalhar, se divertir e se manifestar. Enviar recados - ordens e protestos. A otimização capitalista acelera o nomadismo contemporâneo, aproximando e afastando as populações. Uns migram do campo para a cidade, outros do centro para a periferia. Uns migram por opção, conforto e instrução, outros por falta de opção, especialmente de trabalho e moradia. Os novos tempos - o ‘pós-moderno’ - seqüestram a tradição e impõem novas estéticas para a cidade.

Segundo Stuart Hall, *justamente com as tendências homogeneizantes da globalização, existe a “proliferação subalterna da diferença.(...) O eixo “vertical” do poder cultural, econômico e tecnológico parece estar sempre marcado e compensado por conexões laterais, o que produz uma visão de mundo composta de muitas diferenças locais. Nesse modelo, o clássico binarismo iluminista Tradicionalismo/Modernidade é deslocado por um conjunto disseminado de “modernidades vernáculas.*⁷

A partir disso, percebemos especialmente a estrutura horizontal da sociedade, que compreende a massa populacional hoje em sua maioria itinerante, muitas vezes sem registro de trabalho, endereço fixo, inscrição política fixa e até mesmo registro de nascimento, apesar da sofisticação tecnológica da modernidade. Considerada anteriormente como minoria, hoje essa população aflora e se desloca nas cidades em um número considerável e inscreve nela seus modos de viver e, especialmente, de sobreviver. Criam habitações e estratégias de trabalho e lazer nas periferias ou nos vazios da cidade, nas fissuras do sistema. Criam formas inovadoras de habitar a cidade. Propõem novas estéticas à cidade. A respeito dessas migrações, diz Stuart Hall:

Culturalmente elas não podem conter a maré da tecno-modernidade ocidentalizante. Entretanto, continuam a modular, desviar, “traduzir” seus imperativos a partir da base. Elas constituem o fundamento para um novo tipo de “localismo”. (...) Esse “localismo” não é um mero resíduo do passado. É algo novo – a sombra que acompanha a globalização, mas retorna para perturbar e transtornar seus estabelecimentos culturais.⁸

Nelso Brissac, citando Rem Koolhaas, lembra que *a globalização faz emergir cidades que garantem sua existência e produtividade apesar da quase total ausência de infra-estrutura. E continua: as deficiências dos planejamentos urbanos ou a má gestão dos mesmos gera sistemas alternativos engenhosos e críticos, capazes de garantir a eficácia em grande escala de dispositivos considerados informais ou ilegais. A globalização provém uma vasta gama de novas oportunidades para operar fora dos sistemas regulatórios.⁹*

Operar fora dos sistemas regulatórios significa transgredir as normas vigentes, quer seja no trabalho, na vida, na comunicação e na arte. Significa interagir nas brechas do sistema, na contramão das regras pré-estabelecidas. Ainda Brissac nos lembra que *a originalidade e a espontaneidade na improvisação de moradias e equipamentos têm sido uma marca da população marginalizada. Hélio Oiticica destacou o potencial plástico e perceptivo das favelas, com seus espaços que se misturam, feitos de conexões e transparências.¹⁰*

Preservar a cultura é uma condição humana indispensável. Monumentos, arquiteturas, pinturas, gravuras e, mais contemporaneamente, a fotografia e os vídeos fixam e transmitem nossos sentimentos de pertencimento a uma cultura. Personagens de nossa história nacional são memorados nos ritos de calendário, no nome das ruas, nas placas comemorativas. Textos que se impõem como patrimônios da memória coletiva oficial a ser transmitida na história da nação. Essa memória coletiva oficial tem seu lugar e respeito na história da cidade, mas não é única. Outras vozes também constroem a cidade e insistem em serem ouvidas. Hoje percebemos que a escrita da cidade depende de seus moradores.

Levando em conta os “localismos” e as contradições da globalização, tomamos como base de referência a cidade de Florianópolis, que como tantas outras cidades no Brasil recebeu nos últimos anos um fluxo migratório significativo. Percebemos nessa cidade especialmente a espontaneidade comunicativa dos novos sujeitos deslocados da mídia oficial.

O grupo “Poéticas do Urbano” vem investigando as tessituras ordinárias da vida cotidiana, as subjetividades, o potencial estético e os modos de comunicação emergentes na cidade globalizada. Nosso foco de atenção é a história de Florianópolis conservada nos álbuns de família e os rituais surgidos nos novos encontros, os grafites planejados ou aleatórios escritos nos muros da cidade e os camelôs e ambulantes com suas inovadoras territorialidades.

Assim, não nos interessam os sujeitos sociais historicamente determinados e suas expressões já oficializadas nos códigos dominantes, mas os novos sujeitos negligenciados pelas políticas dominantes e seus modos de produção cultural e ideológica expressos nos seus modos de habitar a cidade.

Objetivando entender as tendências ou contradições da modernidade, e a elas nos reportar, vimos agenciando uma série de pesquisas e ações no Município de Florianópolis.

A exemplo das derivas situacionistas, o grupo percorreu algumas vezes a cidade e grafitou ou colocou pequenos adesivos em forma de placa de trânsito com a frase **“A Cidade Não Pára”**. Na ocasião, inquirimos as pessoas sobre essa advertência.

Em novembro de 2005, durante o seminário Cidade Memória Fotografia, o grupo instalou no Largo da Alfândega, praça central de Florianópolis, uma máquina fotográfica, modelo Pin Hole, com capacidade para abrigar até 10 pessoas em seu interior e perceber a fotografia em tempo real. Na parte externa da caixa, através de pequenos orifícios, era possível observar fotos antigas de Florianópolis, estabelecendo assim uma atenção à fotografia como um registro de memória.

Objetivando mapear as novas cartografias da cidade, entrevistamos alguns moradores da comunidade “Nova Esperança”, bairro de periferia estabelecida desde 1998. A partir dos álbuns de família, os moradores narram suas trajetórias pessoais na formação desse bairro.

Atualmente, estamos pesquisando os camelôs e ambulantes fixados ou perambulantes no centro histórico da cidade. Nosso objetivo é perceber e dar a perceber as políticas e poéticas dos camelôs e ambulantes em relação à cidade, e os relacionamentos sociais, culturais, políticos e amorosos estabelecidos nos encontros de trabalho nas ruas da cidade.

Paralelo à pesquisa e às ações, desenvolvemos textos fotográficos sob a orientação do professor fotógrafo Cláudio Brandão, coordenador adjunto do projeto. Como divulgação e reflexão das pesquisas, organizamos seminários com pesquisadores afins e organizamos um site com toda a documentação das pesquisas e ações do grupo, e um catálogo impresso que publicam os resultados mais relevantes do projeto.

Esperamos que os estudos acadêmicos se encontrem com o conhecimento das pessoas que aqui circulam e deixam sua história. O ensino acadêmico especializado por si só já não mais encontra suficiência para conhecer e participar de seu momento histórico. É preciso criar mecanismos de diálogo com outras formas de conhecimento e com outros sujeitos sociais, pois como lembra Milton Santos, *Na sociedade de informação a relação entre as pessoas cria riquezas*.¹¹

As abordagens acadêmicas, artísticas ou filosóficas não são pensamentos ou expressões vedadas, mas atentas e participativas no contexto social do qual fazem parte. O que importa nas questões atuais sobre sociedade e estética não é definir conceitos e classificar obras, mas, como nos adverte Stuart Hall, quando se reporta as discussões sobre os “Novos Temos”,

*Seria melhor perguntar, não porque os novos tempos representam uma série de respostas definitivas a uma série de questões ou ainda uma maneira clara de resolver a ambigüidade inerente nessa idéia, mas por que eles estimulam a esquerda a abrir um debate sobre como a sociedade está mudando e oferecer novas descrições de análise da condição social que procura transcender e transformar.*¹²

Nessa medida, o projeto ‘Poéticas do Urbano’, através das pesquisas junto aos novos sujeitos da cidade, dos textos publicados no catálogo e no site, dos seminários e das ações na cidade, objetiva propor um debate sobre as configurações da cidade contemporânea de forma a reconhecermos suas problemáticas e encontrarmos juntos formas de convivência cultural e social.

- ¹ Stuart Hall, *The Meaning of New Times*, in *Critical Dialogues in Cultural Studies*, David Marley e Kuan-Hsing Chen, London, New York, Routledge, 2001, p. 223.
- ² Guy Burgel, *La Ville aujourd'hui*, Paris, Hachete, 1993, p. 9
- ³ Bernard Lamizet, *lê Sens de la Ville..* Paris, L'Harmattan, 2002, p. 26.
- ⁴ Milton Santos, *O País Distorcido* . São Paulo, Publifolha, 2002, p. 85.
- ⁵ Idem, p. 24.
- ⁶ Milton Santos, *o País Distorcido*. São Paulo, Publifolha, 2002, p.
- ⁷ Liv Sovik , org. Stuart Hall. *Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, Huamnitás, 2003, p. 60.
- ⁸ Idem, ibidem, p. 60.
- ⁹ Nelson Brissac, *Catálogo Arte/Cidade. As Máquinas de Guerra Contra os Aparelhos de Captura*. s/d.
- ¹⁰ Idem, Ibidem.
- ¹¹ Santos, Milton. *O País Distorcido*. Publifolha, 2002, p. 37.
- ¹² Hall, Stuart, Op. Cit., 223.